

TRAÇOS IDENTITÁRIOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA NA FRONTEIRA OESTE DO ESTADO DE MATO GROSSO: O GRUPO ESCOLAR ESPERIDIÃO MARQUES.

Adriane Cristine Silva *¹

Este trabalho tem como objetivo contribuir com a historiografia da educação do Estado de Mato Grosso, e insere no campo da História da Educação a partir da preocupação em identificar o modo como uma realidade social é construída em lugares e tempos distintos. No desafio de encontrar e estabelecer relações entre as fontes com os fatos e acontecimentos encontrados por meio de estudo detalhado, para traçar um perfil sincero do Grupo Escolar Esperidião Marques, conduzida aos escritos do historiador francês Michel de Certeau, organizados na obra “A Escrita da História”, publicada na década de 1970.

Com o propósito de estabelecer uma abordagem temática acerca da História das Instituições Escolares em geral, e do Grupo Escolar Esperidião Marques, em particular, recorreremos às reflexões de Burke, Hobsbawm, Thompson. De forma que seja possível constituir as circunstâncias gerais e particulares na tessitura deste trabalho.

Através de abordagens inovadoras e mais recentes acerca da história das instituições escolares, devemos destacar as análises de Bencostta (2002); Camargo (2000); Faria Filho (2004); Siqueira (2000); Souza (1998); Vidal (2005).

As reflexões de Nosella e Buffa (2008) a esse respeito corroboram para o fato de que os estudos de instituições escolares representam atualmente um grande filão a ser explorado por educadores no sentido de contribuir para o avanço da história da educação no Brasil. Os autores observam que esses estudos produzidos em sua maioria nos programas de Pós-Graduação em Educação, elegem a instituição escolar como objeto de abordagem e, durante o processo investigatório, consideram sua essência

¹ Professora Mestre em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Professora contratada na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e efetiva na rede estadual de ensino em Mato Grosso no Ensino Fundamental. Na escola Estadual 13 de Maio. AdrianeCristine2011@bol.com.br

material, seu contexto histórico e as circunstâncias particulares de sua criação e instalação.

Nosella e Buffa (2008) sugerem que deve ser avaliado, sobretudo seu processo histórico, como origens, bem como seu momento “áureo” e no estado em que se encontra. Ou seja, há que se avaliar, pelo menos em parte, conforme observaram os referidos pesquisadores, o cotidiano da escola, o edifício, enfim:

A organização do espaço, estilo, acabamento, implantação, reformas e eventuais descaracterizações; os alunos: origem social, destino profissional e suas organizações; os professores e administradores: origem, formação, atuação e organização; os saberes: currículo, disciplinas, livros didáticos, métodos e instrumentos de ensino; as normas disciplinares: regimentos, organização do poder, burocracia, prêmios e castigos; os eventos: festas, exposições, desfiles (NOSELLA; BUFFA, 2008 : 16).

Um aspecto destacado pelos autores refere-se à tendência historiográfica em se estudar prioritariamente a história de instituições mais antigas ou de maior destaque social, como foram as Instituições de Ensino Superior, as escolas normais, as escolas confessionais, sobretudo, femininas.

Se, por um lado, a ênfase era dada, sobretudo às escolas tradicionalmente referenciadas como Seminário de Olinda, Colégio Pedro II, e Escola Normal de São Paulo, por outro, ficaram “esquecidas” do discurso historiográfico as escolas periféricas ou destinadas a atender a clientela subalternizada da sociedade.

A pertinência das reflexões de Nosella e Buffa (2008) nos remete também para as considerações acerca das abordagens e dos métodos levantadas pelo historiador inglês Peter Burke em torno da crítica à história tradicional, a qual priorizava os temas nacionais ou internacionais, em detrimento das propostas regionais, das efervescências humanas cotidianas, mais precisamente da perspectiva da história total.

Por isso surge a necessidade de se realizar estudos que contemplem instituições localizadas em espaços não tradicionalmente estudados e envolvendo, sobretudo os segmentos “sem vozes” no cenário educacional brasileiro, como alunos, professores e funcionários. Afinal, segundo Nosella e Buffa (2008, p. 362) e, com os quais concordamos, “a pesquisa em história das instituições escolares tem como vantagem a possibilidade de superar a dicotomia entre o particular e o universal, o específico e o geral, o concreto e o conceito, a história e a filosofia”.



Com estas considerações, privilegamos a região de Cáceres como *locus* de observação, problematização e análise no sentido de explicar seu passado que ainda se faz sentir no presente.

Nessa direção, nossa análise parte das práticas culturais, das experiências e singularidades educacionais ocorridas na região, parte também das mudanças na estrutura educacional e dos diferentes caminhos que a educação percorreu ao longo de sua história. Contudo, esta proposta também se justifica por si só, por deslocar a atenção da história dos grandes centros urbanos e dos grandes acontecimentos para a história do interior de um Estado do Centro-Oeste do país.

Erigiu-se assim uma escola que serviu de instrumento difusor do ideário de modernização e de progresso proposto pelo regime republicano, inaugurado em 1889. A análise envolve, portanto as dimensões históricas da escola e da cidade, considerando sua localização (fronteira Brasil-Bolívia), e, sobretudo suas formas de representação municipal e de relações sociais aquilatadas por um regime pautado na civilidade, civismo, higienização, etc.

Com base nas observações de Vidal (2005), o exame dos documentos arrolados pode revelar parte do passado da instituição e caracterizar a criança que frequentava essa escola, verificar qual a relação urbana dessa criança com a escola. Algumas seriam oriundas da Bolívia, considerando que Cáceres faz fronteira com este país? Quais as condições econômicas dessas crianças? O exame e o diálogo com o material empírico escolar permitem que o pesquisador visualize os sujeitos sociais em suas práticas cotidianas, bem com as relações estabelecidas com a escola, a cidade e a região, dando-lhes historicidade. Vislumbram-se nessa análise os aspectos organizacionais da unidade institucional e o perfil do estabelecimento docente, os saberes e a cultura das práticas cotidianas tecidas por professores, servidores e alunos.

Sem desconsiderar o fato de que grande parte das transformações experimentadas pela escola com o advento da República não chegaram a alcançar o ideal de modernidade propostas pelo Estado, sobretudo no que se refere à instrução pública, pretendemos apontar seus limites. Nesse sentido, apesar das grandes mudanças, pretendemos refletir sobre a permanência de precárias escolas primárias, caracterizadas pela carência de docentes, baixos salários do corpo administrativo e ineficiência das práticas escolares ao longo das primeiras décadas da República.



Concentrar o material empírico para compor o trabalho foi algo desafiador e, ao mesmo tempo enriquecedor. Realizamos com paciência horas a fio de dedicação nas extensas descrições e no árduo trabalho de transcrever listas, memorandos, notícias em jornais, ofícios inúmeras listas de professores e de alunos, festas cívicas revelando um riquíssimo movimento fizeram parte do Grupo Escolar Esperidião Marques.

Uma obra indispensável utilizada para dar suporte a estas questões refere-se à coletânea História da Educação, Arquitetura e Espaço escolar, organizada por Bencostta (2005), com o propósito de contribuir para a ampliação do debate sobre os fenômenos educacionais, com ênfase na arquitetura e espaço escolar. Os autores ao realizarem um exercício de aproximação com as diferentes realidades históricas do universo escolar destacaram o espaço escolar como lugar de memória.

A cidade de Cáceres

Cáceres é uma cidade colonial do sertão mato-grossense, banhada pelo Rio Paraguai e limitada pelos municípios de Barra dos Bugres, Poconé, Corumbá, Livramento, Mato Grosso, Mirassol D'Oeste e República de Bolívia.

Essa antiga cidade localiza-se à margem direita do Rio Paraguai e foi fundada em 06 de outubro de 1778. Surgiu sobre um terreno plano e arenoso, cujas ruas foram cortadas em ângulos retos, onde se assentaram casas, em sua maioria, térreas. Caracterizou-se também pela formação de antigas fazendas pastoris que contribuíram para o seu desenvolvimento e composição de sua história. Grande parte dos produtos econômicos de Mato Grosso saía do porto de Cáceres e era escoada para os países platinos através do Rio Paraguai.

Foi no cenário urbano de Cáceres que se assentaram, já nas primeiras décadas do século 20, as primeiras estruturas organizacionais do Grupo Escolar Esperidião Marques, objeto de nossa investigação, o qual está inserido no campo da História das Instituições Escolares.

Sobre a cidade de Cáceres, ainda encontramos detalhes desta cidade no jornal A Razão de 1924:

Está assentada sobre uma planície a nossa querida cidade de Cáceres. Devia ser, portanto, uma cidade absolutamente geométrica, com suas ruas largas, direitas, cortando-se em ângulos retos, arborizadas, praças ajardinadas, onde as famílias pudessem passar e se espairecer às tardes de verão e às noites de luar. O traçado primitivo começado pelos fundadores da cidade e

continuado pelos seus primeiros habitantes, vem sendo desprezado, o que é antiestético e anti-higiênico, isto é, enfeia a nossa urbe e a predispõe para se tornar inóspita e insalubre em futuro talvez não muito remoto. A cidade tem crescido extraordinariamente: em pouco mais de meio século tornou-se quase três vezes maior [...] (A RAZÃO, 1924).

Temos através do Jornal A Razão, a apresentação de cenas, vivências e os olhares que caracterizaram as ruas na cidade que até hoje abriga o Grupo Escolar Esperidião Marques. Devemos destacar sobre a caracterização da cidade de Cáceres pelo presidente dos Estados Unidos na sua visita a cidade de Cáceres

as ruas da pequena cidade não eram calçadas e tinham estreitos passeios de tijolos. As casas térreas eram caiadas de branco, ou de paredes azuis, cobertas de telhas vermelhas; as janelas, com gelsias [grades fasquias de madeira], vinham dos tempos coloniais; remontando através do Portugal cristão e mourisco, originaram-se de uma remota influencia árabe' (ROOSEVELT, 1944. p. 137).

Cumpramos lembrar que quase sempre o cronista não conseguia captar na totalidade as variáveis de uma sociedade estranha aos seus valores deixando, portanto, lacunas a serem preenchidas, cujo nexo deve ser buscado em outras fontes, sem, contudo deixar de ser uma preciosa fonte para o historiador de ofício, a caracterização das cidades pelos olhares dos viajantes.

Olhares ao Grupo Escolar Esperidião Marques

Elegemos o Grupo escolar Esperidião Marques, importante Instituição de ensino do município de Cáceres, criado em 04 de fevereiro de 1912, com o nome de Grupo Escolar Costa Marques, enquanto objeto de estudo. Cujas construções iniciaram-se em 1913 e é encerrada em 1920, na esquina da Praça Duque de Caxias, cujo espaço a partir desta construção passou a ser considerado parte central da cidade. Apresentado na Figura 1.

Este grupo escolar se consolidou a partir da necessidade de se criar uma instituição escolar e que desenvolvesse assim como apresentasse a seus alunos o conhecimento independente do olhar e crivo da Igreja, mas um olhar voltado a partir dos ideais republicanos na perspectiva de eliminar o analfabetismo assim como transmitir regras sociais morais úteis a massa popular, com conhecimentos voltados ao

progresso dos grupos sociais a qual pertencem, voltando sempre o pensamento a sua pátria.

Este objetivo de trazer a educação escolarizada à população em massa, de acordo com Saviani (2006), deveria ser de responsabilidade do poder Central, que teria a tarefa de organizar e manter integralmente escolas em todo território brasileiro, principalmente o ensino primário.



FIGURA 1. Fachada do Grupo Escolar Esperidião Marques. **Fonte:** Acervo pessoal (2010)

A partir da compreensão de que a criação do Grupo Escolar Esperidião Marques em Cáceres – MT, que representou o marco inicial na organização da educação e também para a consolidação do republicanismo nesta cidade, apresentando então como sendo um espaço social de consolidação desta educação proposta pelo governo tendo como fonte de inspiração outros estados no momento em que o patriotismo no sistema educacional e desenvolve adequadamente em um modo concreto dentro dessa instituição de ensino gratuito e público.

Nessa perspectiva, o governo mato-grossense projetou a criação do Grupo Escolar Esperidião Marques (GEEM) e, acompanhando a lógica de instalação dos Grupos Escolares, foi determinada sua expansão, que só se fez da forma mais onerosa possível a partir da construção de um prédio próprio, destinado à atividade educacional. Era a tentativa de romper com a forma tradicional de funcionamento das escolas brasileiras, as quais, na grande maioria, funcionavam em espaços físicos adaptados ou num espaço improvisado pelo próprio professor.

O novo modelo de educação, representado pelos grupos escolares “[...] surgiu primeiramente com a tarefa de garantir - por meio do ensino - que a população em seu conjunto fosse homogeneizada, e, para tanto, o conhecimento das primeiras letras e das noções de coisas era requisito básico” (REIS, 2006, p. 202).

Através de um regime disciplinar que caracterizava os grupos escolares instalados nos mais distintos lugares do país. A disciplinarização estava no bojo do prédio planejado como da instituição escolar. Ali meninos e meninas eram separados. O espaço físico tinha que ser estruturado para isso. A edificação, sob comando do empreiteiro construtor Sr. Capitão José Corbelino, devia conceder ao Grupo Escolar Esperidião Marques (GEEM) sua existência material. Emergia no espaço central da cidade uma escola tipicamente urbana, transformando-se num dos mais imponentes prédios públicos do município de Cáceres.

Os grupos escolares foram um dos expoentes do republicanismo, dentro de um dos seus pilares - a modernização. À esteira do modelo educacional republicano de organização da escola primária, criado inicialmente no Estado de São Paulo, outras unidades federativas, como Mato Grosso, por exemplo, também procuraram erguer seus templos de civilização visando à universalização da educação, traduzido regionalmente na reforma Pedro Celestino de 1910 (SOUZA, 2006, p. 35).

Nas listas, a partir dos jornais Argos e a Razão, dos relatórios e dos ofícios, encontrados na sede do arquivo público em Cuiabá, devemos destacar alguns nomes que se dedicaram ao exercício da educação nos anos de 1910 a 1947.

Nessa listagem detectamos pessoas cujas trajetórias de vida foram dedicadas à educação no Estado de Mato Grosso, a exemplo do professor José Rizzo, Figura 3. Migrou de São Paulo para o Estado de Mato Grosso, com o objetivo de contribuir com o projeto de institucionalização do ensino primário em Mato Grosso, e de materializar os princípios republicanos por meio da modernização do ensino. E seguindo seus passos tivemos o cuiabano Demétrio da Costa Pereira, e também o cacerense Dormevil Malhado da Costa e Faria, cacerense filho de Joaquim da Costa Faria e Isaura Malhado da Costa e Faria. Assim como tantos outros que permitiram esta instituição estar até hoje em plena atividade a qual foi criada nos idos de 1912.

Sua fundação esteve ligada diretamente ao processo de desenvolvimento da cidade, em face da consolidação do regime republicano. Seu funcionamento passou a



ocorrer num prédio localizado na Rua General Osório, onde hoje funciona o Arquivo Municipal. Ali se agruparam três escolas: a) a masculina que tinha como diretor Professor Octavio Motta; b) a feminina com a professora Ritta Garcia e c) a mista com a professora Escolástica Botelho.

Os prédios, além de cumprir a finalidade utilitária e funcional, deviam também imprimir sua dimensão social, simbolizar os novos valores a serem incorporados pela sociedade e traduzir a construção de uma nação moderna pautada na cultura e na educação.

Rosa Fátima de Souza (1998), assim refere-se ao caracterizar os primeiros grupos escolares do Estado de São Paulo, surgidos nos albores da República:

Estes edifícios puderam sintetizar todo o projeto político atribuído à educação popular: convencer, educar, dar-se a ver! O edifício escolar torna-se portador de uma identificação arquitetônica que o diferenciava dos demais edifícios públicos e civis ao mesmo tempo em que o identificava como um espaço próprio, lugar específico para as atividades de ensino e do trabalho docente. Na arquitetura escolar encontram-se inscritas, portanto dimensões simbólicas e pedagógicas (SOUZA, 1998: 123).

A escola, no início do regime republicano, torna-se o símbolo da nova ordem, ou nas palavras da Marta Carvalho ‘o sinal da diferença que se pretendia instituir entre um passado de trevas, obscurantismo e opressão, e um futuro luminoso em que o saber e a cidadania se entrelaçariam trazendo o Progresso’ (SOUZA, 1998, p. 123).

O edifício, cuja planta caracterizou-se por apresentar duas frentes, a saber: uma da Praça Duque de Caxias, com 52 m de comprimento e outra na Rua Comandante Balduino, com 45 m. O referido prédio foi planejado para ser ocupado pela sessão feminina e pela sessão masculina, esta com compartimento mais espaçoso dada a superioridade da demanda.

O prédio caracterizou-se por suas paredes elevadas, com uma enorme porta frontal de esquina, com 10 janelas de madeira em venezianas, que se abrem em folhas, sendo todas voltadas para o espaço da Rua Tiradentes, em frente à Praça Duque de Caxias. Dispunha de mais seis janelas com as mesmas características já descritas, voltadas para a Rua Comandante Balduino.

Erguido em terreno de esquina, seus compartimentos distribuídos em “L”, proporcionado pela estrutura, abrange toda a extensão territorial. O prédio possuía na fachada as janelas em madeira com venezianas e vidros lisos, e em formato de arco. A



porta de acesso, alta e também em formato de arco, de madeira pintada de branco, com motivos em alto relevo, nas duas folhas que se abrem para a calçada. Além disso, o prédio dispõe de uma fachada lateral voltada para a Praça Duque de Caxias com colunas decoradas e, no alto delas, em cada uma, estampa-se o brasão da República.

Com uma única entrada voltada na esquina das duas ruas citadas e em frente à Praça Duque de Caxias, desde a conclusão da obra apresenta em sua fachada o ano de 1913, referente à data de início da construção (Figura 26, p. 123).

Algumas Considerações

Com essa perspectiva, entendemos que nosso trabalho se insere na corrente de esforços interpretativos que vem sendo realizado no campo da história, no sentido de fazer avançar os estudos regionais acerca das instituições escolares. Procuramos discutir o GEEM, no contexto da história nacional, mas considerando seu aspecto singular, como uma instituição localizada em área de fronteira (Brasil-Bolívia), contando com a participação de diferentes atores sociais, possuindo enfim, uma história única, distinta em relação aos números Grupos Escolares implantados no país na primeira metade do século XX.

A construção do edifício em estilo arquitetônico neoclássico serviria não só para refletir a perspectiva republicana de modernização da sociedade brasileira, como também para promover o embelezamento da cidade de Cáceres, até os dias atuais.

Observamos também que, o Grupo Escolar Esperidião Marques desde sua criação em 1912 - até o ano de 1947, data final do recorte - afigurou-se como instituição de relevo para a sociedade cacerense, a despeito de caracterizar-se como escola pública, nacionalista e laica.

Dispondo de prédio próprio, diretor (gestor) e quadro docente permanente para atuar no ensino em séries iniciais, o GEEM desempenhou o papel indispensável para a difusão dos ideais da República. Para cumprir o projeto republicano, a escola adotava procedimentos básicos, alguns deles expressos em códigos de conduta que iam desde práticas diárias em sala de aula, passando por imputação de valores ligados ao amor à família, desprendimento, abnegação, dignidade pelo trabalho, e alcançavam exigências

de posturas ou condutas a serem incorporadas fora do âmbito escolar envolvendo disciplina, civismo, polidez, entre outros. Estes valores nacionalistas eram trabalhados dentro da escola traduzidos nos cultos aos símbolos nacionais como hino, bandeira, brasões e cerimônias de homenagens aos vultos históricos brasileiros.

Do ponto de vista historiográfico, salientamos que não foi nada fácil vencer o processo de revisão bibliográfica, posto que esta tarefa exigiu cuidados redobrados no sentido de haurir o que havia de mais significativo, de mais racional e científico em cada produção, detectando os avanços conquistados ou lacunas ainda existentes sobre a temática eleita como objeto de investigação.

FONTES E REFERÊNCIAS

1.1 Álbuns

AYALA, S. Cardoso; SIMON, Feliciano. *Álbum Graphico do Estado de Matto-Grosso*, 356 p.

1.32 Jornais

JORNAL A RAZÃO. Cáceres, 01 de dezembro de 1912.

JORNAL A RAZÃO. Cáceres, 15 de dezembro de 1912.

JORNAL A RAZÃO. Cáceres, 02 de março de 1935.

JORNAL A RAZÃO. Cáceres, 02 de fevereiro de 1945.

2. BIBLIOGRAFIA

ALVES, Gilberto Luiz. Nacional e regional na história da educação brasileira: uma análise sob a ótica dos estados matogrossenses. In: Sociedade Brasileira da História da Educação. (Org.). *Educação no Brasil: história e historiografia*. Campinas: Editora Autores Associados, 2001, p. 163-188.

_____. *Educação e História em Mato Grosso 179-1864*. Campo Grande: UFMS, 1996.

BAUAB, Maria Aparecida Rocha. *O ensino normal na Província de São Paulo (1846-1889): subsídios para o estudo do ensino normal no Brasil - Império*. 1972. (Tese de Doutorado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, São José do Rio Preto, 1972.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. (Org.). *História da educação, arquitetura e espaço escolar*. São Paulo: Cortez, 2002.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Repensando o Ensino de História e a criação do fato*. Ensino Contexto. São Paulo, 1997.



BOURDIEU, Pierre. "Sobre o poder simbólico". In: *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989, 7-15 p.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Editora da EDUSP, 1987.

BUFFA, Ester (2002) citada por WERLE, Flávia Obino Corrêa; BRITTO, Lenir Marina Trindade de Sá; COLAU, Cinthia Merlo. Espaço escolar e história das instituições escolares. In: *Diálogo Educacional*, Curitiba, v.7, n.22, p. 147-163, set./dez. 2007.

BURKE, Peter (Org.), *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

CAMARGO, Marilena A. Jorge Guedes de. *Coisas Velhas - Um percurso de investigação sobre cultura escolar (1928-1958)*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

CARDOSO, Tereza Fachada Levy. As Aulas Régias no Brasil. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. *Histórias e Memórias da Educação no Brasil*. v.1 - Séculos XVI-XVIII. Petrópolis: Editora Vozes, 2004, 179-191 p.

CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados. O rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Cia das Letras, 1997, 239 p.

CARVALHO, Marta Maria Chagas. *A Escola e a República*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. 2ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CORRÊA FILHO, Virgílio. *História de Mato Grosso*. Várzea Grande: Editora da Fundação Júlio Campos, 1994.

CHATIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1988.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.1, p. 139-159, jan./abr. 2004.

FRAGO, Antonio Viñao. Del espacio escolar y la escuela como lugar: propuestas y cuestiones. *História de la Educacion*. Madri, v. 12/13, 1993-1994. p. 17-74.

FREYRE, Gilberto. *Contribuição para uma Sociologia da Biografia o Exemplo de Luiz de Albuquerque governador de Mato Grosso no fim do século XVIII*. Cuiabá. Fundação Cultural de Mato Grosso. 1978.

GATTI JÚNIOR, Décio. A História das instituições educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. In: ARAUJO, José Carlos; GATTI JÚNIOR, Décio (orgs.).



Novos Temas em História da Educação Brasileira. Campinas: Autores Associados, Uberlândia: EDUFU, 2002.

GONDRA, José Gonçalves; TAVARES, Pedro Paulo Hausmann. *A Instrução Reformada: Ações de Couto Ferraz nas Províncias do Espírito Santo, Rio de Janeiro e Corte Imperial. (1848-1854)*. III CONGRESSO SBHE. CD ROOM. Curitiba, 2004.
HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JACOMELI, Mara Regina Martins. *A Instrução Pública Primária em Mato Grosso na Primeira República: 1891-1927*. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. UNICAMP: Campinas, 1998.

JULIA, Dominique. *A Cultura Escolar como Objeto Histórico*. *Revista Brasileira de História da Educação*, n.1, jan/jun., p. 9-43, 2001.

PRADO JUNIOR, Caio. *Evolução Política do Brasil e outros estudos*. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1971.

LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

_____. Jacques. *História e memória*. Trad. de Benardo Leitão: 5ed. Campinas. São Paulo: Editora UNICAMP, 2004.

LEITE, Gervásio. *Um século de Instrução Pública*. (História do Ensino Primário em Mato Grosso). Goiás: Rio Bonito, 1970.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

SAVIANI, Demerval. *A Idéia de Sistema Nacional de Ensino e as Dificuldades para sua Realização no Brasil no Século XIX*. 2010. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/dermeval/texto2001-1.html>> Acesso em: 10 abr. 2010.

SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de Civilização: A implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. Editora UNESP, 1998.

SOUZA, Rosa Fátima de. *Espaço da educação e da civilização: origens dos grupos escolares no Brasil*. In: SAVIANI, Dermeval. *O legado educacional do século XIX*. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

VEIGA, Cynthia Greive. FONSECA, Thais Nivia de Lima. *História e Historiografia da Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, 41 p.

VIDAL, Diana G. *Cultura e prática escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares*. IN: SOUZA, Rosa Fátima; VALDEMARIN, Vera T. (Orgs.) *A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa*. Campinas, SP: autores Associados, 2005. Apoio: UNESP/FCLAR, p. 3-30.



XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

LUGARES DOS HISTORIADORES: VELHOS E NOVOS DESAFIOS

27 A 31 DE JULHO DE 2015

FLORIANÓPOLIS - SC